

JOSÉ LOUZEIRO

Satanismo

A MULTINACIONAL DO DIABO

Do Paraná à Califórnia, o organograma do satanismo não respeita fronteiras. Em nome do Diabo, leis, convenções, ética e bons sentimentos são neutralizados pela constituinte do inferno. Sacrifício, sexo, estupro, torturas, rituais medievais e *performances* sadomasoquistas são elementos comuns no grande teatro de Satã. Os fatos do Paraná,

que emocionam o Brasil, são apenas o *close* de uma terrível escalada. Mais do que indícios, há claras evidências de que, dos porões do Terceiro Mundo ou dos bolsões medievais do Primeiro, uma espécie de multinacional demoníaca estende filiais em todos os continentes. Do drama do Paraná, o escritor e repórter José Louzeiro extrai fatos e interpretações inegáveis: o *marketing* do diabo já está aqui.



SÉRIE





NA CONSTITUINTE DA SEITA LUS, ZUITA SERÁ SATÃ NO TERCEIRO MILÊNIO. É A PREMONIÇÃO DEMONÍACA DO PRÓXIMO SÉCULO

Para quem nunca foi a Guaratuba, chegar até lá é conhecer o paraíso. Atravessa-se um braço de mar no Ferry Boat Guaraguaçu e não se paga nada. Somente na volta o visitante é cobrado. Roda-se por estrada de bom asfalto, durante uns 10 minutos, entra-se na cidade de ruas limpas, quebra-molas, muito verde e silêncio.

Guaratuba está de luto. Luto fechado. O menino Leandro Bossi, 7 anos, desaparecido desde 15 de fevereiro, continua sendo procurado pela polícia. Evandro Caetano, também com 7 anos, tornou-se dolorosa lembrança: para seus pais, o Paraná e todos nós.

As ruas de Guaratuba estão vazias. A praia deserta. As pracinhas abandonadas. Ninguém às janelas. Ninguém nos bares, muito menos nos hotéis.

Para onde foram as pessoas? Perguntava a Nivaldo Odevagen, 16 anos, que muito nos ajudou nas caminhadas por Guaratuba, e ele respondia, com ar sério de jovem sofrido:

— Tão em casa. Preocupadas com o que aconteceu.

Nivaldo trabalha no Hotel Villareal, que Valentina de Andrade e José Alfredo Teruggi frequentavam. Ficaram hospedados, gozando as delícias da praia, até o dia 17 de fevereiro, quando eram realizadas intensas buscas para localizar Leandro Bossi.

Retornaram a 7 de abril, após o sumiço de Evan-

dro Caetano. Ocuparam o apartamento 304, até dia 9, quando viajaram de novo, com suas pesadas malas, que Nivaldo ajudava a carregar.

— O que havia nas malas para serem tão pesadas, Nivaldo?

Ele não sabia, mas terminou dando uma informação curiosa: as malas eram largas, compridas e mais altas de um lado, baixando do outro, como esquifes. Eram cinzentas, de fibra, podiam ser tomadas como estojos de instrumentos musicais.

Policiais envolvidos no caso, em Curitiba, acreditam que, nas malas, Valentina e Teruggi carregavam papéis escritos, fitas de vídeo e áudio. Em malas menores, comuns, guardavam armas, principalmente pistolas.

Quando Valentina chegou pela primeira vez ao Hotel Villareal, num carro Mazda, dirigido por José Teruggi, pouco antes do sumiço de Leandro Bossi, estava acompanhada pelo filho, a quem chamava "Menininho". Tratava-se de um garoto de 14/15 anos, esnobe e efeminado.

Nessa época, vieram de Buenos Aires, com Valentina, uns 70 amigos que se hospedaram em hotéis populares.

De manhã, por volta das 9, terminavam de tomar café, colocavam as roupas de banho, iam para a praia, onde ficavam até anoitecer. Valen-

tina levava uma coroa de prata sobre bandeja recoberta de papel niquelado. Teruggi e adeptos organizavam um platô de areia, onde a coroa era solenemente depositada, com muitas flores. Ajoelhavam-se, batiam palmas, cantavam. A princípio, ninguém entendia o que diziam, até porque falavam castelhano. Depois, foi descoberto: Valentina e adeptos pediam sangue. Sacudiam os braços e, voltados para o mar, pediam o "plasma superior".

Nos dias em que ficavam na praia, não almoçavam. Valentina permanecia o tempo todo diante da coroa. Os adeptos cuidavam de trazer-lhe lanche e refrigerantes. Nesses momentos, mostravam-se submissos. Esmeravam-se na bajulação. De vez em quando, ela fazia um gesto, como que os despachando, eles rolavam uns sobre os outros.

Quando "Menininho" aparecia, fosse na praia, fosse dentro do hotel, beijava os homens do LUS na boca. Nivaldo e pessoas da gerência do Villareal achavam a postura do garoto estranha. Os fanáticos recebiam os beijos com naturalidade. Mas havia aqueles que se agarravam ao "Menininho", em estado de êxtase.

PERSONAGENS DO GRUPO

Os seguidores de Valentina e Teruggi são de todas as idades e dos diversos segmentos da sociedade. Representam províncias da Argentina. Um menor número compunha-se de brasileiros, mas ninguém de Guaratuba. Jovens e idosos demonstravam a mesma disposição física. Havia, entre eles, advogados, psicólogos, geólogos, professores, empresários e artistas, principalmente pintores.

As histórias que contam de Valentina, no Villareal, são singelas mas estranhas. Certa manhã, quando os integrantes do LUS começaram a se concentrar diante do Villareal, notaram que nos trechos cimentados dos jardins havia poças. Chovera durante a madrugada. Grama e arbustos estavam respingados. Imediatamente, lançaram-se ao trabalho de enxugar o chão. Dizem que pelo menos dois deles tiraram as camisas e mostraram aos companheiros como fazer o serviço com perfeição. Logo depois, aparecia Valentina. Eles se curvaram, em silêncio, quase tocando os rostos no chão.

Outra vez, já anoitecendo, estavam nas cadeiras da piscina, comendo sanduíches. Tinha sido um dia de muito sol e cantorias diante da coroa. Comiam e conversavam. Valentina levantou-se, fez um gesto. Os fanáticos jogaram os sanduíches fora, trataram de segui-la.

À praia, como convém, Valentina de Andrade e José Teruggi curtiam a vida e arquitetavam rituais. A conexão argentina esquentava suas idéias ao sol do Brasil.





Reprodução Nilton Ricardo

Funcionários do Villareal acompanhavam o comportamento da mulher com estranheza. Mas nem de longe podiam suspeitar de suas ligações com o *bruxo* Osvaldo Marcineiro e seus parceiros de feitiçarias.

Valentina cultivava a excentricidade. Falava pouco e baixo. Embora rodeada pelos seguidores, não alongava conversa com nenhum. "Menininho" beijava os homens e saía com alguns deles para a noite. Teruggi desfilava pela cidade no Mazda de milhares de dólares.

Outra historinha curiosa: Valentina levava toalhas de banho e rosto, fronhas e lençóis, para o hotel. Tudo na cor azul. Não usava nada que lhe ofereciam. Instalada no apartamento, não permitia que nenhuma camareira mexesse nos objetos. Roupas, sapatos, malas, era tudo intocável.

"Se a arrumadeira não cumprisse a ordem, levava bronca", lembra Nivaldo.

PREMONIÇÃO

Da primeira vez em que esteve no Villareal, sumiu uma toalha de rosto. Valentina mostrou-se extremamente preocupada. Irada. Reclamou até no instante de fechar a conta. Recomendou que procurassem sua toalha. Tempos depois, quando retornou, a primeira pergunta foi sobre a toalha que desapareceu para sempre.

Quis saber se ela levava algum fanático para o apartamento 304. Não. Eles ficavam sempre longe, esperando. Não havia, também, qualquer relacionamento de Valentina com os demais hóspedes. Praticamente, como lembra Nivaldo, ela não falava com ninguém. Somente, uma vez, conversou com Paulina, mãe do Leandro. No dia em que ele sumiu.

Valentina, Teruggi e seguidores

novamente na praia. Dia de sol quente. Após muito adorar a coroa de prata e gritar "sangre!"... sangue!..., todos entraram na água, Valentina na frente. Tiraram biquínis e *shorts*, brincaram de agarrar-se, sem qualquer constrangimento. Em dado momento ela fez um sinal. Concentrou-se e disse:

— Há três dos nossos se afogando aqui perto. Corram! Façam alguma coisa!

Os três homens eram jovens. O pessoal do Villareal chamou os bombeiros. Os afogados estavam sendo levados pela maré, em frente ao "Prédio dos Magistrados".

Antes da chegada dos bombeiros, formou-se uma corrente humana, mãos dadas, que entrava pela água. Havia alguns garotos entre os adultos. Os bombeiros acenderam poderosos focos para o mar. Valentina surgiu. Muita gente torcia para que os homens fossem salvos. Ela se preocupava com os meninos. Com palavras educadas mas firmes, despachou-os.

Os afogados acabaram resgatados. Fanáticos beijaram os pés da sacerdotisa que foi para o quarto do hotel, apagou as luzes, a fim de sentir o calor das trevas. No salão de jogos, Teruggi lamentava que Valentina não tivesse gravado a ceia do afogamento.

Graças à "videomania" da sacerdotisa, os policiais têm avançado bastante nas investigações sobre a morte de Evandro e o sumiço de Leandro Bossi. Foi uma gravação, das 25 ou 30 vistas na Polícia Civil do Paraná, até semana passada, que os detetives descobriram José Teruggi pedindo que ela matasse uma criança.

E bom lembrar, ainda, que foram apreendidos 100 fitas de vídeo no terminal da rodoviária de Londrina, além de muitos cassetes. Todo esse

Sob aplausos, Valentina empolga os salões. A sacerdotisa de Satã exercitava o seu carisma no society. Segundo a polícia, os sacrifícios tinham um objetivo: a manutenção do status a preço de sangue.

material, mais os escritos ("Como ela escreve, nossal!", queixou-se um detetive) estão sendo cuidadosamente examinados.

A MAMA, O PAPA

Na intimidade, os adeptos tratam Valentina de Andrade como *Mama*. Mas nem sempre têm a oportunidade de chamá-la, assim. São poucas as vezes em que ela abre a guarda para uma conversa menos formal. Coloca-se a distância. Não é de fechar a cara, mas seu mutismo a protege. O mutismo e a forte personalidade. Valentina parece uma atriz, vivendo uma peça que mal sabe quando começou, como vai acabar.

Um dia, logo cedo, ela procurou a recepção do Villareal. Queria saber quem tinha morrido, ali. Ninguém sabia. Queixou-se de não estar conseguindo dormir. Havia uma mulher que lhe tirava o sono, arrastando os chinelos ao longo do corredor do terceiro andar. Valentina insistia. Alguém lembrou: a mãe de um funcionário, que morava em uma casa anexa, no terreno do Villareal, havia morrido, não fazia muito tempo.

Essa nova "demonstração de força" deu-lhe mais credibilidade e fez com que os fanáticos redobrassem seus esforços bajulatórios. Um deles pediu uma salva de palmas para a *Mama*. Outros trouxeram frutas e comidinhas para agradar-lhe.

Valentina decidiu fazer um passeio pela praia. Queria estar sozinha. Ao sair do hotel, caminhou por entre os jardins, aproximou-se de uma âncora, bastante enferrujada, com cascas de ostras engastadas na ferrugem. Quando estava bem perto da âncora, um fanático lançou-se sobre a peça ornamental. O personagem protetor foi identificado como o advogado Frederick Wassef, residente em Atibaia, São Paulo, que está com prisão temporária decretada pela Justiça do Paraná. Descobriu o Delegado Luís Carlos Oliveira que, além de integrar o grupo LUS, Wassef é propagador da seita no Estado de São Paulo.

Valentina e José Teruggi, nas vezes em que estiveram no Villareal, jamais exigiram cardápio especial. Comiam, de preferência, frango, filé mignon, nhoques de queijo. Quase não tomavam bebidas alcoólicas. Entre a praia e o jantar, jogavam vôlei. Mas, em função da presença de Valentina, as regras do jogo alteravam-se por completo: na sua equipe somente ele fazia lançamentos e os adeptos praticavam as maiores irregularidades, a fim de beneficiá-la. José Teruggi costumava manter-se na equipe adversária, mas nunca armava lances decisivos, que pudessem fazer a "rainha do jogo" correr o risco de uma derrota.

OS POLICIAIS SE IMPRESSIONARAM COM A QUANTIDADE DE MALAS. E SUGEREM QUE VALENTINA E TERUGGI TAMBÉM TRAFICAM ÓRGÃOS HUMANOS

Sempre que se instalava no apartamento 304, do Villareal, seu primeiro cuidado era livrar-se do *Novo Testamento*. E procurava fazer isso de forma ostensiva. Ligava para a recepção, a fim de que o livro fosse retirado.

Funcionários do hotel e certos hóspedes sentiam-se incomodados com a presença da mulher. Nivaldo não soube explicar exatamente que tipo de desconforto sentia. Nem Paulina, mãe de Leandro Bossi.

"Era uma coisa estranha", disse Nivaldo.

Valentina e Teruggi não comentavam a respeito da casa que tinham em Londrina. Também, nada falavam sobre os adeptos que se espalhavam pela cidade. Quando iam embora, alguns deles permaneciam em Guaratuba, como se esperassem pelo regresso do casal.

O advogado Frederick Wassef era visto com eles, na camionete pick-up. Frequentavam o terreiro de Osvaldo Marcineiro? Encontravam-se com Celina e Beatriz Abagge? Ninguém sabe. As investigações da Polícia ainda não chegaram até aí. Mas há quem diga que Wassef rodava bastante com a pick-up, principalmente à noite.

PODER SATÂNICO

O poder que Valentina de Andrade exerce sobre os seguidores do LUS é satânico. Quando Carlos José Calvo era presidente da seita, ela passou a pressioná-lo por dois motivos: primeiro, para que abandonasse a família. Depois, para que se livrasse da filha de um ano. Calvo resistiu. E Valentina, por absoluto sa-

dismo, queria que ele se mantivesse no LUS, argumentando que a organização tinha um grande futuro pela frente. Abandoná-la, seria declarar-se derrotado. Lembrava-se dos amigos de Calvo entre os anônimos e devotados seguidores, acenava com a possibilidade de ele vir a ser o responsável pelo LUS europeu, provavelmente com sede em Paris.

Valentina fazia ofertas mirabolantes, para manter Calvo por perto. Ele foi cedendo. Um dia, como afirma o argentino Claudio Omar Rodriguez, 30 anos, que também participou da seita, ela o apresentou a um casal brasileiro, ao qual ele (Calvo) entregou a própria filha.

"Quando se afastou, em 1989, arrependido com a loucura que fizera, procurou localizar a garota, mas não conseguiu", diz Omar Rodriguez, acrescentando que nunca viu nenhum ato ritualístico no LUS, com meninos sendo sacrificados. Lembra, no entanto, que Valentina tem aversão a crianças. Certa vez, enquanto falava sobre filhos que tiram a liberdade dos adultos, uma mulher ergueu-se e se pôs a gritar, dizendo que ia matar o filho quando chegasse em casa.

Recorda Rodriguez que Carlos Calvo foi perseguido por membros da seita, depois que resolveu não ter mais nenhuma vinculação com o *Lineamento Universal Superior*.

BRASIL PODE SER FILIAL DO INFERNO

No dia em que estive conversando com a juíza Anésia Judith Kowalski, em Guaratuba, ela acreditava que, dos sete acusados, o que poderia prestar um depoimento verdadeiro seria Davi dos Santos Soares, auxiliar do pai-de-santo Osvaldo Marcineiro. Mas, na semana que passou, aconteceram coisas que prejudicaram o andamento dos trabalhos. O advogado Dálio Zippin, que fazia a defesa de Celina e Beatriz Abagge, teria desistido da tarefa, ao mesmo tempo que Osvaldo Marcineiro contratava novo defensor que, também, trabalharia em benefício de Davi, de Vicente de Paula Ferreira, Airton Bardelli dos Santos e Sergio Cristofolini.

Em compensação, os exames de corpo de delito desmentiram que Celina e Beatriz tivessem sofrido torturas, como vinha sendo divulgado. Diante da juíza Kowalski, os sete acusados negaram o que haviam dito anteriormente e está gravado.

Mas, enquanto os *bruxos* procuram ganhar tempo, os policiais movimentam-se, na coleta de provas. Nas proximidades da marcenaria do prefeito Aldo Abagge, onde o menino Evandro Caetano foi sacrificado, encontraram um pedaço de pau com manchas de sangue, já en-

caminhado ao laboratório. Esta semana o delegado-geral do Paraná, José Maria de Paula Correia, espera receber as primeiras informações da Interpol sobre o paradeiro de Valentina de Andrade e José Alfredo Teruggi.

Alguns policiais que estiveram na casa da *bruxa*, em Londrina, estão impressionados com a quantidade de malas e os mais estranhos objetos, inclusive armas. Não acreditam que aquelas malas fossem apenas para carregar papéis escritos, fitas de vídeo, cassetes e trajes usados nos rituais. Embora sem provas, começa a ser considerada a possibilidade de Valentina, Teruggi e fanáticos estarem envolvidos no tráfico de órgãos humanos.

Outra suspeita: Mônica W., que aparece em inúmeras páginas do diário de Valentina, pode ser a pessoa que cuida de lançar a seita na França. Mônica é geóloga, morava em Porto Alegre, a família perdeu contato com ela desde 1987. O Sr. Thomas Walter admite que a filha esteja envolvida com o *Lineamento Universal Superior*, porque sempre se deixou atrair pelas ciências esotéricas. "Em 87 ela disse que ia para Paris e foi embora", comenta a mãe, dona Lia. "Nunca mais tivemos qualquer informação a respeito dela."

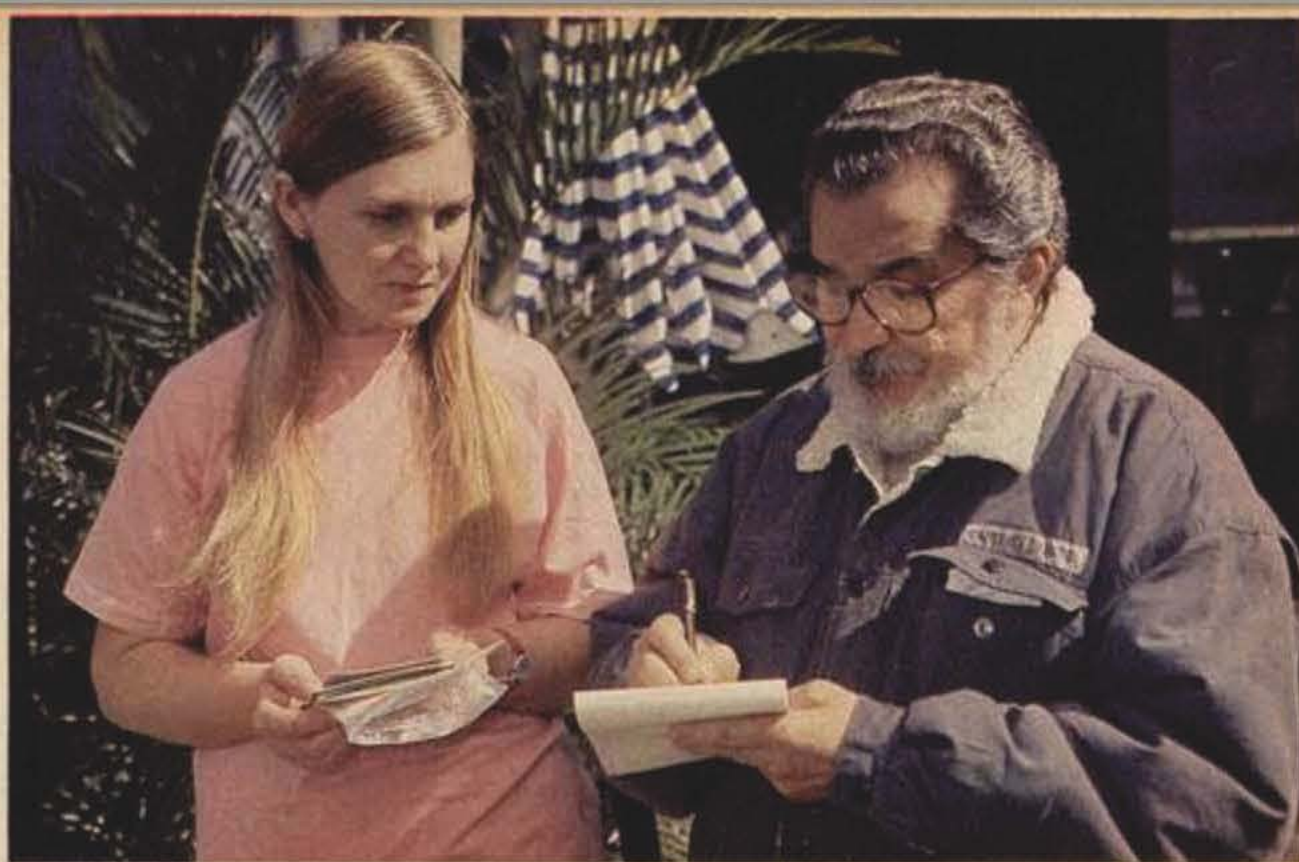
O satanismo defendido por Valentina e seu grupo, tendo Zuita como a entidade central, confunde-se de certa forma com aquilo que chamam de *OVNIs negros*. Estranhas figuras com forma humana, dominadoras de energias que a espécie humana desconhece. Nesse mundo fantástico estaria Zuita, o deus de todas as energias, capaz de destruir, na Terra, tudo que ela tem de nocivo, a começar pelas crianças.

É oportuno lembrar, também, que o envolvimento da família do Prefeito Aldo Abagge com a prática da magia negra é bem anterior ao assassinato ritualístico do menino Evandro Caetano. Conta o ex-policial e engenheiro civil Diógenes Caetano dos Santos, tio de Evandro, que Sheila, irmã de Beatriz Abagge, assumiu em 89 uma cadeira de psicologia no Colégio 29 de Abril. Como tarefa para as alunas, mandava que vestissem guarda-pós brancos, usassem capuz e saíssem, à noite, pelas ruas de Guaratuba, com velas acesas. Geralmente, conforme declarações de Diógenes Caetano, formavam-se grupos de 12 alunas que entravam na igreja, percorriam bares e lanchonetes. Essas manifestações, orientadas por Sheila, estenderam-se a Caibá, Matinhos e Garuva, perto de Guaratuba.

"Certa noite eu estava na Pizzaria Tia Geni, quando elas apareceram — declara Diógenes. — A que vinha na frente tinha um esqueleto estampado no guarda-pó. Traziam velas



O drama da família do menino Evandro Caetano: na Igreja de N. S. do Bonsucesso, a busca da paz na oração.



Para Paulina, na foto com o escritor José Louzeiro, o desaparecimento do menino Leandro Bossi é um tormento sem fim. No Paraná, o rastro da seita LUS é uma advertência às autoridades.

acesas, riam muito e conversavam entre si."

Diógenes não soube dizer se Sheila Abagge participava, pessoalmente, das sinistras caminhadas ou se o exercício de horror era exclusivo para as alunas de psicologia.

MAIS CRIANÇAS MUTILADAS

Enquanto as autoridades policiais do Paraná apertam o cerco em torno dos responsáveis pela seita LUS e a Justiça procurar extrair a verdade dos matadores do menino Evandro Caetano, no Maranhão e em Goiás, as investigações para esclarecer as-

sassinatos ritualísticos caminham com dificuldade.

1. O delegado-chefe da Delegacia Metropolitana de São Luís, Luís Moura, admite que os meninos Raniê Silva Cruz, 10 anos; Antônio Reis, 12; e Carlos Wagner dos Santos Sousa, 10, encontrados com os braços amarrados e os testículos arrancados, foram vítimas de *bruxos* ligados ao satanismo.

"Os crimes ocorridos em São Luís — disse — têm as mesmas características e foram praticados de forma igual aos de Guaratuba."

2. Em Goiás as autoridades seguem investigando o caso do menino Michael Mendes, de 4 anos, mutilado durante um ritual de magia ne-

gra. Agora, a preocupação da Polícia é fazer um levantamento de todos os terreiros de pais-de-santo e, a partir daí, procurar saber como atuam os adeptos de Satã.

NOVO PREFEITO VAI À LUTA

Guaratuba já tem novo prefeito. É Paulo Chaves. Sua tarefa inicial confunde-se com a de um exorcista: ele quer expurgar o Demônio, a fim de que a cidade volte a ser acolhedora.

"Não sou promotor que acusa, não sou defensor, nem o juiz que julga. Peço a Deus que esse caso seja devidamente esclarecido e que se faça justiça. Mas o que aconteceu, envolvendo um grupo de pessoas, não pode contribuir para constranger toda uma população ordeira, acolhedora, trabalhadora. A cidade não tem culpa de nada. É sadia e uma das mais belas do país. Houve um crime brutal que chocou a todos nós. Vamos esperar que a Justiça se manifeste. Como prefeito, desenvolverei uma campanha pró-Guaratuba. Aqui, não é a sucursal do inferno, nem os moradores na cidade podem ser penalizados por crimes de fanáticos. O Prefeito Aldo Abagge, meu velho amigo, é um homem bom, correto e trabalhador. Está vivendo uma crise pessoal sem precedentes. Que Deus nos ilumine. É o que peço, em nome da cidade."

JOSÉ LOUZEIRO

FOTOS NILTON RICARDO

O CULTO DAS BESTAS

Dizem as pessoas do povo que, "entre o céu e a terra, há mistérios que nossa vã filosofia não consegue alcançar". O caso da seita LUS (Lineamento Superior Universal), instalada em Buenos Aires, desponta como corpo estranho não apenas para os céticos, mas deixa confusos, também, os seguidores dos cultos afro. Confusos e vistos, daqui em diante, sob suspeição.

A seita, liderada por Valentina de Andrade, 61 anos, gaúcha que desejava tornar-se bailarina clássica mas terminou sendo corista de uma boate em Londrina, parece ter estratégias incomuns às atividades religiosas.

Embora o LUS desenvolva sessões ritualísticas, muitas delas com os sacerdotes usando roupas especiais e capuzes, na verdade os grandes momentos da seita acontecem a partir das reuniões promovidas por Valentina e seu marido José Alfredo Teruggi, 38 anos. Nesses encontros, semelhantes a conferências, ela fala de OVNI's, força magnética, luz modeladora e desintegradora, plasma superior e inferior, telepatia. Seu tom é sempre de exaltação. Coisa de quem está em transe, ou num palanque. Em Buenos Aires, até 1989, o presidente do LUS era Carlos José

Calvo, mas Valentina liderava o grupo (aproximadamente 300 pessoas). Os psicólogos dirão que essa mulher, Valentina, tem dupla personalidade e age como louca, ao sair da fantasia que ela própria cria, para confrontar-se com a realidade. Ocorre que pessoas que conviveram com Valentina têm outra impressão. Sozinha, na intimidade de um apartamento de hotel, por exemplo, é tranqüila e de pouco falar. Educada e solidária, com uma curiosidade: tem aversão a crianças.

As estratégias do grupo LUS são:

1. Aproximar-se dos cultos afro, principalmente daqueles que praticam vodu e quimbanda.

2. Manter a seita, para as platéias letradas, nos trilhos de um certo cientismo, tendo por base a parapsicologia e a futurologia.

Valentina de Andrade procura maquiagem o LUS como doutrina enriquecedora do ser humano, voltada para o fantástico. Seita do 3º milênio, embora com raízes fincadas no longínquo passado primitivo e pagão.

Querendo estabelecer polêmica, a sacerdotisa LUS publicou um livro confuso, onde declara que Deus "é a grande farsa" e Jesus seria filho da na-

tureza e da entidade Zuita, e não do Criador, como conta a Bíblia do cristianismo. Os adeptos do LUS negam que haja poder maior que o magnetismo do cosmo, gerador de todas as coisas, inclusive da espécie humana e dos deuses.

Dizer que Valentina de Andrade e José Teruggi são malucos é optar pelo simplismo, quando estamos diante de um problema complexo. Eles propõem o resgate da bruxaria primária, aquela que se desenvolvia nos sabás, bem antes de a Igreja Católica instituir a Inquisição, e fazer a Europa da Idade Média tremer diante das fogueiras e dos cadafalsos.

Os adeptos do LUS lêem as sagradas escrituras na ordem inversa. Bom é mau. Amor é ódio. Simplicidade é soberba. Pureza é promiscuidade.

"Somente o sacrifício conduz ao júbilo", grita a sacerdotisa da crença reversa.

O "plasma superior", conforme o livro de Valentina de Andrade, remete para a necessidade de progredir, de tornar-se parte do cosmo, reluzir como ouro diante do deus Zuita, que rejeita os fracos, ignora os humildes, castiga os mansos e conformados.

FIM